

RECENSÃO:

BERTI, Enrico. *Aristóteles*, tradução de Ephraim Ferreira Alves. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

Daniela Faria

Mestranda em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB), pós-graduação "lato sensu" em Filosofia e bacharelado em História pela Universidade de Brasília (UnB). Professora de Filosofia no Centro de Estudos Filosófico-Teológicos *Redemptoris Mater* de Brasília e no Instituto São Boaventura (ISB) de Brasília.
E-mail: danielafaria72@gmail.com

Enrico Berti apresenta nesta obra de 2013 – somente traduzida para o português em 2015 – uma breve introdução ao pensamento de Aristóteles. Por breve que seja, e claramente voltada ao público não especializado, sua introdução não pode sofrer a acusação de superficialidade. Ela expõe de forma concisa, clara e, ainda assim, dotada do rigor necessário – especialmente dadas as restrições de um trabalho desta natureza –, algumas das principais características das obras aristotélicas, habilmente inserindo o leitor na lógica interna do *Corpus*, bem como apresentando seus desdobramentos na história da filosofia posterior.

Berti divide sua introdução em quatro partes: *Biografia*, *Conceitos-chave*, *Análise das obras* e *História dos efeitos*. A seção biográfica é brevíssima e dela estão ausentes algumas problematizações relevantes acerca da vida do estagirita, como, por exemplo, uma discussão mais detalhada sobre a propriedade e as implicações do chamado método 'histórico-genético' proposto por Werner Jaeger na primeira metade do século XX¹. O trabalho de Jaeger procura, fazendo uma reconstrução da biografia de Aristóteles, traçar uma ligação entre sua vida e a evolução de suas obras. Jaeger acaba por estabelecer três grandes períodos intelectuais, nos quais Aristóteles teria

¹ A tese de Jaeger (primeiramente apresentada em 1923) certamente leva em conta informações biográficas, embora não dependa exclusivamente delas. Ver JAEGER. *Aristoteles – bases para la historia de su desarrollo intelectual*. Pánuco: Fondo de cultura econômica, 1963.

passado de uma adesão juvenil ao platonismo, a um período intermediário – correspondente ao seu tempo de pesquisas, durante suas viagens – no qual ainda dependia em grande medida das teses platônicas, até chegar à elaboração de uma filosofia própria em seu período de maturidade— correspondente a época em que ensinou no Liceu. O método de Jaeger é considerado controverso; ainda assim tem prevalência suficiente para informar parte significativa das discussões (e pressuposições) essenciais aos estudos aristotélicos contemporâneos, sendo, talvez, a interminável querela a respeito do platonismo de Aristóteles o exemplo mais agudo destas contendas. Embora a ausência desta discussão seja sentida na parte do livro que versa sobre a biografia, seria injusto não notar que na seção dedicada as obras do *Corpus*, Berti faz uma breve alusão a ela².

A parte dedicada aos conceitos-chave constitui-se, mais propriamente, em uma espécie de léxico, no qual o autor sucintamente lista vários dos conceitos mais relevantes da filosofia aristotélica. Não há aqui uma análise dos conceitos abordados, ainda assim, as entradas mais delicadas recebem um tratamento cuidadoso — mesmo que abreviado. Quando, por exemplo, define causa (*aitia*), Berti (2015:142) toma o cuidado de afirmar que as causas são “explicações ou porquês de um estado de coisas” — livrando assim o leitor de Aristóteles do tipo de estranhamento que as causas material, formal e final podem suscitar em sensibilidades contemporâneas (para as quais apenas a causa motora é própria e prontamente reconhecível como uma causa). A este respeito, é importante notar que comentadores contemporâneos de Aristóteles se mostram, muitas vezes, contrários ao (ou, ao menos, preocupados com o) uso de terminologia ligada à causação ao traduzir ou interpretar a doutrina aristotélica, pois as discussões contemporâneas sobre a causação pressupõem que causas sejam eventos, bem como noções como as de conjunção constante e contiguidade espaço-

² Para um tratamento mais cuidadoso e completo deste e de outros tópicos biográficos (e de sua ligação com o método de Jaeger), o próprio Berti oferece análise mais detalhada em seu *Perfil de Aristóteles*, lançado no Brasil pela editora Paulus em 2012.

temporal — pressupostos que certamente, se transpostos apressadamente para o contexto aristotélico, embotam (ao menos parcialmente) a compreensão do que a doutrina das causas pretende discutir³. Neste aspecto é, portanto, louvável a tentativa de esclarecimento que Berti proporciona a seus leitores nesta entrada de seu léxico. No entanto, devemos ter em mente que a tradução de *aitia* por explicação não é incontroversa e recebeu críticas como a de Furley (1996:60) que afirma que “Aristóteles usa *aition* para se referir a um fato, ou a um estado de coisas, ou a um objeto ou pessoa”, ao passo que o termo explicação “normalmente se refere a uma proposição ou conjunto de proposições — um item verbal” (ibid.)⁴. Talvez a tradução mais acertada seja ‘explicação causal’ proposta por Monte Ransome Johnson (2005:40-41), quando afirma que “Aristóteles poderia utilizar explicações para se referir a fatos e estados de coisas referentes a objetos e pessoas”; as quatro causas seriam, portanto, “um esquema utilizado para representar fatos e estados de coisas referentes a pessoas e objetos” (ibid.).

Na seção dedicada a *Análise das obras*, Berti expõe seus leitores ao *Corpus*, subdividindo-o em seis tópicos organizados, *grosso modo*, por áreas de investigação (lógica e dialética, física e cosmologia, psicologia e biologia, metafísica, ética e política e, finalmente, retórica e poética)—há ainda dois tópicos mais gerais e introdutórios que fazem uma caracterização geral da obra aristotélica e lidam com os diálogos e as obras perdidas. Esta seção constitui a maior parte do livro, e, nela, Berti consegue descrever cada um dos tratados que compõe o *Corpus*, dando a seu leitor uma ótima visão introdutória dos assuntos abordados em cada uma das obras.

Aqui, no tópico a respeito das obras perdidas, uma grata surpresa: Berti faz alusão à querela envolvendo Isócrates (importante orador e sofista ateniense, que afirmava fazer filosofia e mantinha uma escola para ensiná-la — provavelmente fundada dez anos antes da Academia platônica) e

³ A este respeito ver JOHNSON, Monte Ransome. *Aristotle on teleology*. New York: Oxford, 2005.

⁴ FURLEY, D. J. ‘What kind of cause is Aristotle’s final cause?’ in FREDE, Michael e STRIKER, Gisela (eds.) *Rationality in Greek Thought*, pp. 59-79. Oxford: Oxford University Press, 1996.

Aristóteles que, ainda aluno da Academia, acompanhou Platão nas críticas feitas ao modelo educacional proposto pelo sofista-filósofo. Esta querela pode ser brevemente descrita da seguinte maneira: é uma discussão que diz respeito não apenas aos modelos educacionais adotados pela Academia platônica e pela Escola isocrática, mas versa também sobre a própria afirmação da filosofia como uma disciplina (mais ou menos) organizada, no século IV a.C.. Ela tem início com o estabelecimento das bases do modelo educacional isocrático na oração *Contra os Sofistas*⁵, perpassa, na forma de diversas críticas em variados diálogos, porção relevante da produção platônica⁶, tendo Isócrates contraditado tais críticas, ao final de sua carreira, na oração *Antidosis*, o que, por sua vez, gera mais uma resposta da Academia, desta vez na forma do *Protrepticus* aristotélico. A argumentação e a contra-argumentação destas duas últimas obras são o objeto da breve alusão que Berti faz ao problema em questão. Por abreviado e esquemático que seja o tratamento, a menção à contenda que anima grande parte dos problemas ligados ao estabelecimento e à afirmação da disciplina filosófica no século IV a.C. é digna de nota — além de extremamente necessária (especialmente na bibliografia secundária em língua portuguesa) à compreensão do contexto histórico e intelectual no qual a produção da filosofia grega clássica se deu⁷.

Com os dois exemplos mais extensos aos quais me ative nos parágrafos precedentes, pretendi ilustrar duas das virtudes mais evidentes da introdução de Berti: (i) ela é cuidadosa ao lidar com noções potencialmente problemáticas da filosofia de Aristóteles, muito embora, constrita por sua natureza introdutória, passe ao largo de algumas discussões atinentes a estas noções (o que, se considerado um vício, só pode figurar como vício da própria

⁵ Concebida por Isócrates como uma espécie de manifesto educacional, voltado para o estabelecimento dos padrões seguidos em sua escola, composta no início de sua carreira e lançada ao público quando da inauguração de sua Escola em Atenas (por volta de 390 a.C. — seguindo as datações tanto factuais quanto documentais propostas por Hutchinson e Johnson), muitas das teses ali defendidas por Isócrates foram objeto de crítica platônica por diversos anos. Ver HUTCHINSON, D.S. and JOHNSON, M.R. *The Antidosis of Isocrates and Aristotle's Protrepticus*. Philpapers—Online research in philosophy: philpapers.org/rec/HUTPAA, 2010.

⁶ Como, p. ex., no *Eutidemo*, no *Mênon* e no *Górgias*.

⁷ Para um tratamento mais completo do assunto ver HUTCHINSON, D.S. e JOHNSON, M.R., 2010.

natureza introdutória, e não da obra específica); e (ii) ela é especialmente eficiente ao contextualizar as discussões filosóficas que apresenta⁸.

Pelos motivos expostos, esta nova (ao menos em língua portuguesa) introdução ao pensamento de Aristóteles, se junta ao já bastante bem estabelecido trabalho introdutório de Jonathan Barnes—também intitulado *Aristóteles* e lançado no Brasil pela Edições Loyola em 2001. Juntos, os *Aristóteles* de Barnes e Berti oferecem ao público brasileiro uma excelente primeira imagem da filosofia aristotélica.

⁸ Este aspecto fica claro na (mas não restrito a) seção *História dos efeitos*, na qual Berti expõe o impacto da filosofia aristotélica nos últimos 2300 anos. É uma história abreviada do aristotelismo, que demonstra tanto a erudição do autor, quanto sua capacidade de transmitir esta erudição de forma simples e concisa. Nesta seção, ele apresenta o leitor a alguns dos problemas da recepção de Aristóteles (como sua platonização durante a antiguidade tardia e o medievo) bem como as discussões contemporâneas mais prevalentes (e a seus respectivos representantes)—produzindo assim um guia útil a quem pretende iniciar os estudos na área.